

A CIÊNCIA, A ARTE E O ENSINO DO CUIDAR: O LEGADO DO ONTEM E A REALIDADE DO HOJE

SCIENCE, THE ART AND THE EDUCATION OF CUIDAR: THE REALITY AND LEGACY YESTERDAY OF TODAY

Maria Belén Salazar Posso*

Na vigência do novo século somos impelidos, outra vez mais, a pensar no sentimento de inquietação latente quanto à nossa identidade profissional buscando estabelecer, fortalecer, demonstrar a importância social da Enfermagem, como a ciência e a arte do cuidar de outrém.

Como profissão social, humanista e técnico-científica, tem, a Enfermagem, o indivíduo, a família e a comunidade como centro de seus principais esforços e atenções, ajudando-os a superarem suas limitações temporárias, ou não, no campo da saúde podendo dificultar ou retardar suas realizações.

É inegável que o cuidar de pessoas é, e continua sendo, o âmago de nossa profissão, e por isso mesmo, nos diferencia, nos distingue, tornando nosso cotidiano profissional, especial, singular como sabiamente afirma COLLIÈRE (1989) “independentemente, da etiologia do processo patológico, do tratamento, os cuidados são universais, e aparecem e se executam em torno dos grandes momentos da vida quais sejam, nascimento e morte;... é acompanhar as grandes etapas da vida...; é necessário que o tratamento seja acompanhado dos cuidados, pois, até se pode viver sem tratamento, porém, não se pode viver sem cuidados e o curar não substitui o cuidar; e ainda, o objetivo do cuidado não é a doença, mas sim tudo o que ajuda a viver e permite existir”.

Acreditamos ser inquietante esse pensamento, e ainda, acrescentaríamos que o cuidado deve ser ministrado impregnado da importância do ideal, da vocação, do compromisso no exercício profissional humanista do enfermeiro.

Vocação e ideal que, nós educadores, temos o mérito de orientando, incentivar o raciocínio, o pensamento crítico do estudante, direcionando seus ideais, seus potenciais, sua vocação para a efetivação de seu exercício profissional.

RESUMO

O objetivo desta reflexão, é exercitar o pensar a inquietação sobre os aspectos históricos, cognitivos, filosóficos e a arte do cuidar da Enfermagem e sua ligação com o tempo passado, presente e futuro na assistência e o ensino.

ABSTRACT

The aim of this text is to think the Nursing and its historic, cognitive, philosophic aspects and the art of the care and it link with the past, present and future in the nursing care and teaching.

Key Words: Nursing History, Nursing, Nursing Education

O ensino do cuidar em enfermagem, do nosso ponto de vista, é transcender o mero transmitir conhecimentos, é ser enfermeira em dobro, pois ensinando nosso aluno, estamos cuidando, e cuidando, estamos ensinando. E, ensinar é provocar questionamentos, é discutir, é achar caminhos em conjunto, é exercitar o respeito mútuo (professor/aluno), é compreender nossas limitações e as do outro, assim como nossas potencialidades e as do outro.

É ter dúvidas e pesquisar, apreendendo a todo momento, com o aluno, com o cliente/paciente e sua família, com o colega de trabalho, com o ambiente, com a comunidade. Então cuidar, para nós, pressupõe um relacionamento interpessoal onde o cuidador e o receptor desse cuidado, interagem dinâmica e harmonicamente de forma ética, emocional e racional, guiados pelos mesmos objetivos, quais sejam, identificação e satisfação das necessidades básicas desse receptor, equilibrando-o biopsico-socialmente em um contínuo processo de avaliação.

Esse cuidar, desde os primórdios da humanidade, se fez presente, uma vez que o homem lutava por sua sobrevivência e ao mesmo tempo necessitava relacionar-se, agregar-se e proteger-se. Então, não se pode falar do cuidar de hoje, sem voltar os olhos às vivências do passado, que delineou o ensino do cuidar presente, e este parece, determinará as experiências educativas desse “saber” e “fazer” futuros, se, parafraseando WALSCH (1998), considerarmos que, “o tempo é uma esfera onde o passado, presente e futuro existem inter-relacionadamente, isto é, são partes do mesmo todo”.

Assim, desde os remotos tempos das civilizações antigas, verificamos que o cuidar é parte integrante da vida diária daquelas populações como podemos constatar

*Enfermeira. Doutora pela EEUSP. Coordenadora do Curso de Enfermagem da FMABC e Coordenadora Pedagógica do Curso de Enfermagem da FCS da Universidade do Vale do Paraíba. Professora das disciplinas de História da Enfermagem e Fundamentos de Enfermagem nessas IES.

Endereço: R. Iperoig, 749/111. CEP 05016-000 –Perdizes/SP

pelos preciosos legados, plasmados nos papiros egípcios de Ebers, de Berlin, de Leide, de Smith, para citar os mais importantes, escritos do ano 4688 a.C até o de 1552 a.C. descrevendo suas práticas de saúde, DONAHUE(1985).

Segundo PAIXÃO(1979) resumindo o conteúdo dos papiros mais importantes afirma: "... os Papiros de Ebers conservaram verdadeiros tratados de Medicina que se supõe serem fragmentos dos livros herméticos. Estes eram uma enciclopédia religiosa e científica formada por 42 volumes que foram destruídos no incêndio da biblioteca de Alexandria." Segundo Edwards, 1892, citado por DONAHUE (1985) foram recuperados e alcançaram nossos dias pelo , graças ao Dr. Ebers em 1874, cujas 110 páginas citam cerca de " 700 substâncias do reino vegetal, mineral e animal..." utilizadas em prescrições, com fórmulas médicas acompanhadas de detalhadas descrições sobre sua manipulação e aplicação e, fórmulas religiosas que o paciente devia pronunciar enquanto ingeria as poções, enquanto o sacerdote responsável pelos cuidados e preparo das drogas também devia fazê-lo ao mesmo tempo, evocando à Ísis e a Hórus, princípios de todo o bem. É considerado um dos livros mais antigos e completos de práticas de saúde do mundo (DONAHUE, 1985).

Nos Papiros de Hearst, Londres e Berlim, MOLINA (1973); PAIXÃO(1979), DONAHUE(1985) mostram as práticas de saúde egípcias exercidas no apogeu da época faraônica, enfocando, particularmente, as patologias protológicas .

O Papiro de Leide enfatiza unicamente as práticas de saúde do ponto de vista religioso, porém, os sacerdotes procuravam unir às práticas religiosas conhecimentos científicos. Assim, em cada templo havia diversas escolas, entre as quais a de Medicina. As mais célebres foram as de Tebas, Mênfis, Sais e Chem (MOLINA 1973; PAIXÃO,1979).

No Papiro de Smith estão descritos os diversos tipos de entorses, luxações, fraturas, feridas e respectivas práticas de tratamento, com fases sequenciais lógicas, ordenadas constituindo-se em compêndio de alto nível de patologia e cirurgia óssea, apesar de suas crenças proibirem a dissecação do corpo humano. Mesmo dificultando a evolução do progresso científico com esse tipo de proibição, pela influência da Escola de Medicina de Alexandria, onde o estudo em cadáveres era prática permitida, ocorreu nova orientação dos conhecimentos médico-cirúrgicos do Egito. O grande sacerdote-médico Imhotep, historicamente conhecido e respeitado por suas obras, ilustre erudito na área da saúde, além de renomado cirurgião, arquiteto e mago, deixou registrado em seu Manuscrito, o controle da mente sobre o organismo e da imaginação, rendendo-lhe a adoração pelo povo como um deus da cura e da medicina egípcia" (DONAHUE,1985).

Dessa forma, os egípcios exímios conhecedores do Hipnotismo e da interpretação de sonhos, destacaram-se nessa área e, ainda, admitiam e estudaram a influência dos astros sobre a saúde. Sua habilidade na difícil arte de cuidar do corpo após a morte, embalsamar e fazer ataduras, se evidencia na conservação das múmias. Acreditavam ser o coração o centro distribuidor e

controlador da circulação, mas consideravam o ato respiratório como o mais importante para a manutenção da vida (MOLINA, 1973).

Segundo JAMIESON (1968) e PAIXÃO (1979) os documentos egípcios não mencionavam nem hospitais, nem enfermeiros, embora, as leis religiosas e civis recomendassem a hospitalidade, o que facilitava o auxílio aos desamparados e os templos deviam manter ambulatórios gratuitos para a prática dos estudantes, futuros sacerdotes-médicos, que tinham o direito de usar o turbante de Osiris - uma das mais altas dignidades - e vestir o manto branco dos sábios.

As práticas de saúde egípcias eram predominantemente místicas, na época de influência oriental e seu exercício ficava sob a responsabilidade dos sacerdotes imperando o empirismo e o realismo. O Egito foi o lugar onde por mais tempo permaneceram vivos, o amor e a proximidade com a natureza e a mais duradoura ação das correntes procedentes da longínqua civilização africana (JAMIESON, 1968; MOLINA, 1973; DONAHUE 1985).

Ao examinarmos o desenvolvimento das práticas de saúde egípcias devemos recordar que estas abrangem um período de 5 ou 6 milênios e que, por sua vez, os conhecimentos de saúde aos quais se referem, representam o produto de uma formação espiritual milenar (MOLINA,1973; DONAHUE(1985).

Também os registros indianos legaram-nos o conhecimento de sua cultura na área da saúde, essencialmente em tema da cirurgia, doenças infantis, princípios de higiene e prevenção de doenças, evidenciando já, naquele remoto tempo, a presença do enfermeiro e as suas funções, prescrevendo requisitos mínimos para seu assistir.

Kaviratna, *s.d.*, citado por DONAHUE(1985), já documentava a composição de uma equipe do cuidar , qual seja, médico, fármacos, enfermeira e o paciente com suas deveres e direitos definidos, com o objetivo de, saber e respeitar as qualidades e competências de cada um deles, favorecer a recuperação da saúde. Assim: " São qualidades básicas do **médico** : grande domínio das escrituras, ampla experiência, astúcia e pureza (de corpo e da mente); São qualidades básicas da **enfermeira**: conhecimento do preparo e combinações dos medicamentos para sua administração,astúcia, dedicação ao paciente que atende e pureza (tanto da mente, como do corpo); São atributos do **fármaco** : adaptabilidade à enfermidade, possibilidade de ser utilizado de diversas formas e não facilmente se deteriorar; são qualidades do **paciente**: memória, paciência ao que lhe está determinado, coragem, comunicação , principalmente, de todas as sensações internas e de toda sua atividade nos intervalos entre as visitas.

Devemos ressaltar que estas práticas de saúde datam de aproximadamente 1600 a.C., e já, essa civilização se preocupava com a inter-relação médico/enfermeira/paciente como uma tríade básica do cuidar. Também descreveram sinais e sintomas de diversas patologias como; a tuberculose, hepatite, febre tifóide, lepra, cólera, entre outras. Em relação às práticas cirúrgicas, eram muito aprimoradas, se comparadas às demais civilizações antigas, Consideravam condição importantíssima para a

terapêutica cirúrgica, a higiene das mãos e unhas, assim como, uso de roupas brancas e um par de sapatos exclusivos, para esse ambiente. Para a “anestesia” do paciente faziam uso da hipnose, beladona e os curativos eram feitos com grande variedade de bandagens (MOLINA, 1973; PAIXÃO, 1979; DONAHUE, 1985).

O cuidado das matronas árabes às parturientes, baseado na preocupação desse povo com a importância da indivisibilidade do corpo, mente e espírito, deixando a reflexão da integralidade do ser humano.

Tal princípio filosófico também documentados na civilização chinesa, cuja persistência e perseverança, a leva a classificar ervas medicinais e primitivos sinais e sintomas de algumas patologias, além do uso de seus tradicionais chás medicinais, massagens, banhos, entre outras práticas de saúde.

A utilização pela cultura japonesa de águas termais, originando a preocupação do estudo sobre a hidroterapia e a difícil e controvertida reflexão sobre a morte, que admitiam, naquele ancestral tempo, a eutanásia como alívio para desnecessário sofrimento para uma forma digna de morte (MOLINA, 1973; PAIXÃO, 1979).

As necessárias prescrições das leis mosaicas com seus preceitos dietéticos, morais e higiênicos, de isolamento e o tratamento da água e esgoto, tão presente, também na cultura romana, contribuíram para uma incipiente saúde coletiva. Acreditavam na importância da higiene pessoal, do equilíbrio entre as horas de sono, repouso e trabalho e da limpeza ambiental para a prevenção das doenças (JAMIESON 1968).

O culto às artes, ao corpo, ao esporte transmitido pela civilização grega subsidiaram sobremaneira o estudo da anatomia e demais práticas de saúde, desenvolvidas nos santuários do deus Asclépio, no período pré-hipocrático, quando já descreviam como causa da doença o desequilíbrio dos humores, que no período Hipocrático, são descritos com mais profundidade, iniciando-se uma visão menos místico/religiosa, dando lugar à rigorosa observação do ser humano, mais que à doença e a ação da Natureza sobre ele, ao mesmo tempo, enfatizando uma concepção holística do homem. (JAMIESON 1968; MOLINA, 1973; PAIXÃO, 1979; DONAHUE, 1985).

Além da contribuição da civilização romana às práticas de saúde voltadas à construção de aquedutos, cisternas para reserva de água e seu tratamento, banhos públicos e massagens, aplicações de calor e frio, vapor, aplicação de areia quente, limpeza das vias públicas, sistemas de calefação, por ser um povo guerreiro, edificaram hospitais militares.

Isto, apenas para enumerar algumas práticas de saúde de culturas do passado, refletindo e sofrendo as influências do tempo, com novas descobertas, pensamentos, e o evoluir da humanidade na Era Medieval, que já iniciava a distinção entre algumas práticas do “curar” e do cuidar”, também, com as Ordens Monásticas, Seculares, criando com os Cruzados a novel arte de administração de hospitais, estendendo-se pela Idade Moderna.

Nessa época, impulsionada pela forte personalidade de uma culta mulher da corte vitoriana inglesa, Florence Nightingale, acreditando na arte e na ciência do cuidar, em 1860, cria a 1ª Escola de Enfermagem no Hospital

Saint Thomas, formalizando a Enfermagem e profissionalizando-a, (JAMIESON 1968; MOLINA, 1973; PAIXÃO, 1979; DONAHUE, 1985; GEOVANINI, 1995), tudo isso, muito interferiu na profissão em um passado recente, influenciando no presente e, indiscutivelmente, tendendo a modificar-se, ainda mais, no futuro.

Esse aprender as origens da essência do cuidar e do saber que os fundamenta, também leva a pensar as repercussões das mudanças sociais, econômicas, culturais, políticas que estão interferindo e influenciando o cotidiano da Enfermagem e da Saúde, provocando um estado de alerta não só, na assistência, como no ensino.

Esse alerta leva a um ajuizamento do sistema de valores que deverá guiar as novas condutas do enfermeiro frente uma sociedade mais informada, que demonstra sua força pela exigência da alta competitividade; pela busca incessante da qualidade e excelência das ações profissionais; pela instantaneidade da comunicação; pela objetividade do conhecimento científico e ao mesmo tempo, necessitando de uma retomada das relações interpessoais.

Assim, a Enfermagem, em particular, não pode e não deve alijar-se dessa realidade, que exige um profissional competente, voltado para o ato de cuidar fundamentado no conhecimento técnico-científico, gerencial, social e psicológico, constantemente atualizado, capaz de transformar essa realidade e a si mesmo, com atitudes adaptativas às rápidas, desafiadoras e contínuas e constantes mudanças.

Dessa forma, o ensino de Enfermagem inserido neste contexto pede um processo, uma metodologia, ao mesmo tempo mais pessoal, experimental e consciente, quanto técnico-científico, estimulando o diálogo, o questionamento, procurando desenvolver nos alunos o pensamento crítico.

Deve, então, o ensino do cuidar na Enfermagem vislumbrar, objetivar, priorizar, favorecer a formação de atitudes, não sendo mero sistema de transmissão de conhecimentos. Deve, ainda, desenvolver habilidades psicomotoras considerando a integralidade do receptor, isto é, indivíduo, a família e a comunidade.

O ensino do cuidar na Enfermagem deverá, ainda, desenvolver no futuro enfermeiro, o compromisso, construindo com ele seu perfil baseado em um sistema de valores, que contemple principalmente os éticos, os morais e os vitais.

O processo educativo da Enfermagem priorizará a pessoa humana que é o aluno, estimulando-o a comprometer-se com a profissão escolhida, preparando-o para enfrentar essa desafiadora competitividade contínua nos diferentes cenários de atuação, com disciplina, honestidade, responsabilidade, competência, eficiência, efetividade, entre outros aspectos, agregando às leis impessoais do mercado e à metálica e sofisticada tecnologia, a humanística, lembrando-o ainda, que muitas vezes ouvirá e verá um conceito empresarial de saúde que parece segregar todos aqueles que não produzem benefícios financeiros e por isso mesmo, não trazendo prestígios.

Cremos, então, que frente a essas tendências, devemos ater-nos ao conceito de qualidade, o qual sempre esteve presente nas atividades do ser humano e ministarmos ou

preparar-nos para um alto nível de assistência de enfermagem, com participação ativa no estabelecimento de padrões de assistência, de valores éticos e morais da sociedade e da Enfermagem, assumindo com competência aquele conceito, como parte integrante do exercício profissional.

Nós costumamos dizer que instruir é dar conhecimento, é orientar, é ensinar, é aprender, portanto quem ensina, orienta para a teoria, para a prática e para a ação preparando profissionais socialmente produtivos e comprometidos com um exercício profissional competente e de qualidade. Pois o amadurecer, advém de um profundo repensar atitudes, ações, experiências vividas e requer mais do que sementes de conhecimento, requer uma real orientação para o enfrentamento de problemas .

Creemos, também, que a tendência e perspectiva futuras do ensino do cuidar na Enfermagem serão determinadas pela avaliação que dele se fizer e da filosofia que embasará e sustentará as diretrizes curriculares de Enfermagem. de cada Instituição de Ensino Superior.

Tais diretrizes curriculares, no entanto, devem favorecer conteúdos integradores de matérias das distintas áreas, estabelecendo estratégias que permitam desenvolvê-los de forma sequencial, ordenada, interrelacionada, inter, multi e transdisciplinar colocando o futuro enfermeiro frente à realidade comunitária onde atuará, preparando-o pelo ensino do pensamento crítico; a desempenhar suas funções de assistência, de pesquisa, de administração, educativas e de integração de forma competente e transformadora, capaz de estreitar o mundo acadêmico e assistencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DONAHUE, M. P. *Nursing, the finest art: na illustrated history*. St Louis, Mosby Co, 1985. p. 2 – 252.
- GEOVANINI, T. et al *História da Enfermagem: versões e interpretações*. Rio de Janeiro, Revinter, 1995. p. 3-21.
- JAMIESON, E. et al *Historia de la Enfermeria*. 6.ed., Interamericana, México, 1968. p. 24-82.
- MOLINA, M. T. *Historia de la Enfermeria*. 2.ed., Intermédica, Buenos Aires, 1973.
- PAIXÃO, W. *História da Enfermagem*. 5.ed. , Rio de Janeiro, Júlio C. Reis, 1979.
- WALSCH (1998),